

O FINAN^CISTA

A dona da Bolsa de Nova York pode barrar a Super Bolsa brasileira?

Notícia Publicada em 19/11/2015 18:46

Empresa tem 12% da Cetip e é concorrente da bolsa de Chicago, acionista da BM&FBovespa



SÃO PAULO – O Brasil pode ter em breve uma “**Super Bolsa**” de padrão mundial, com tecnologia de ponta e de longe a maior da América Latina, mas com um leve sotaque gringo que pode fazer a diferença no sucesso dessa jogada. A **BM&FBovespa**, que hoje propõe a união com a **Cetip**, tem entre seus sócios a bolsa de Chicago (**CME**, na sigla em inglês) com 4,8% do capital. Já a Intercontinental Exchange (**ICE**) – dona da bolsa de Nova York (**NYSE**) – possui 12% da Cetip.

A opinião das 2 “gringás” sobre o negócio pode ser determinante no jogo de interesses que pode unir toda a negociação financeira do país em um só local e que envolve os maiores bancos do país, corretoras e reguladores de mercado.

Enquanto no Brasil a tradicional bolsa do centro de São Paulo e a Cetip, que negocia operações personalizadas utilizadas por bancos e funciona como uma espécie de cartório onde esses negócios são liquidados, negam serem concorrentes, o mesmo não acontece entre a CME e a ICE. As 2 disputam mercados similares e, recentemente, também travaram uma batalha para comprar a Trayport, empresa que negocia no mercado de energia europeu. **O Financista** conversou com analistas sobre como essa relação pode interferir na criação da “Super Bolsa”.

Contraproposta

“Essa negociação é interessante já que a ICE recentemente comprou a Trayport que a CME estava interessada, enquanto a CME que tem uma parceria com a BM&FBovespa está tentando comprar a Cetip”, lembra o analista Michael Wong, analista da Morningstar. “Apesar de não saber se a ICE faria ou não uma contraproposta, isso seria um movimento estratégico e arrojado de longo prazo”, destaca Wong.

“Não faz sentido para a ICE manter uma fatia minoritária e passiva na nova empresa onde a CME tem um papel ativo”, opina Bernardo Perfumo, analista da consultoria especializada em bolsas ERDesk. Ele pontua que caso a maioria dos acionistas e clientes, principalmente os bancos brasileiros, concordem em seguir com o negócio, a ICE provavelmente sairia do negócio e embolsaria os lucros.

“Entretanto, caso não haja uma maioria a favor da aquisição, talvez a ICE use os seus votos para barrar isso”, indica Perfumo. O analista da Morningstar ressalta ainda a sinergia que a Cetip teria com a outra compra recente da ICE, a Interactive Data Corporation, que é especialista em dados e precificação de renda fixa, CDSs (seguros para risco de calote) e derivativos de juros.

Preços

“Eu duvido que a ICE tentará comprar a Cetip, logo depois de adquirir a IDC e a Trayport”, avalia o analista Paul Gulberg, da Portales Partners. Isso não quer dizer, necessariamente, que a ICE vá concordar com o preço proposto pela BM&FBovespa, de R\$ 39 por ação, ou que deixaria de levantar barreiras para atrapalhar a concretização do negócio.

Para a sócia da Fundamenta Investimentos, que é acionista da Cetip, Laís Martins Fracasso, o preço que ela considera baixo pode seduzir estrangeiros que desejam entrar no mercado a fazer uma oferta e não deixar a Bovespa “nadar sozinha”. Segundo ela, a mais interessada seria a própria ICE. “Se isso acontecer, muda bastante o jogo”, diz. O analista da Empiricus Research, Felipe Miranda, disse nesta quinta-feira que a Cetip valeria entre R\$ 42 e R\$ 43 por ação.

Esse é apenas um dos lados dessa mega negociação, mas são peças importantes do xadrez e que podem ser determinantes para o xeque-mate vencedor.

Escrito por:

Conrado Mazzoni e Gustavo Kahil